NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 151 ABRIL 1958

BAPTISMO E RESSURREIÇÃO — F. Micael 101
O KERYGMA NOS ACTOS DOS APÓSTOLOS — J. Farinha 108
NO ANIVERSÁRIO DUMA GRANDE ENCÍCLICA — J. Magalhães 113
A MISSÃO DE MILÃO — Orlando Leitão 122
RÁDIO ECCLESIA — H. Marques 128
LIVROS NOVOS — V. T. 130
CRÓNICA — J. Policarpo 131

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO RODRIGUES

Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU

Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA

Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

Comp. e imp. Emp. Tip. Casa Portuguesa Sucs., Lda. • R. das Gáveas, 109 • Lisboa

DEFENDA A SUA VISTA

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

CASA ESPECIALIZADA NA EXECUÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS

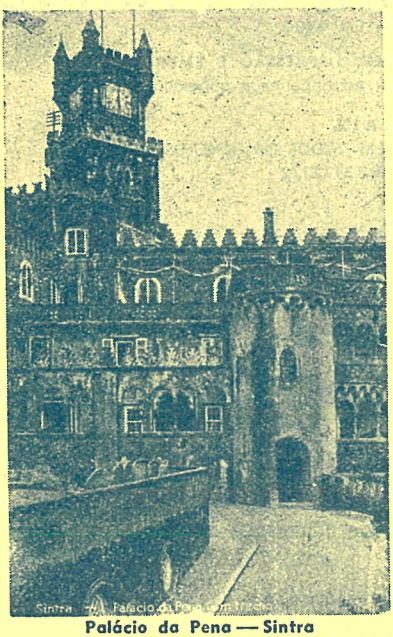


ÓCULOS, ESTOJOS, LUPAS, BINÓCULOS, TERMÓMETROS, BARÓMETROS, ETC.

OPTICAL, LDA.

Portas de Sto. Antão, 30-2.º (Antiga Rua Eugénio dos Santos) **LISBOA — Telef. 36 77 62**

Concedemos o desconto de 40 % a todo o Ex.mo clero e família



Palácio da Pena — Sintra

Mais de 30 anos ao serviço da construção, podendo contar-se entre as primeiras obras executadas, o Palácio de fama mundial que vemos na gravura.

CHALLENGE

É a marca de garantia para a vedação hidrofuga e isolamento térmico de qualquer edifício ou templo.

Consulte sem compromisso os serviços técnicos da firma.

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59, 3.º Esq.
Telef. 2 36 90 — **LISBOA**

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93-2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

VIÚVA MACIEIRA & FILHOS

CASA FUNDADA EM 1804

FÁBRICA DE PAPEL PARA ESCREVER, IMPRESSÃO E EMBRULHO
Armazém de papeis nacionais, estrangeiros e papelão

PAPELARIA
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS
Telefones: P.P.C.A. 31721/2

Rua da Madalena, 10 a 22 **LISBOA**

Cem anos! *VELAS DE CARDIGOS*

Telef. 5 **J. d' Oliveira Tavares, Filhos** B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES: 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS

BAPTISMO E RESSURREIÇÃO

Toda a vida cristã é por sua natureza vida em Deus e vida de Deus em nós. O homem continuando a ser inteiramente humano une-se acidentalmente à vida de Deus, à vida da graça que o anima e lhe dá valor sobrenatural a tudo o que faz. Esta realidade que se verifica em toda a nossa vida, ganha um valor muito particular durante o Tempo Pascal. O Corpo Místico de Cristo vive como ressuscitado. Cristo surge vivo aos olhos do mundo na pessoa de todos os cristãos. Dificilmente compreendemos toda a importância deste facto na nossa vida. A ressurreição, a vitória sobre a morte, e nós estamos demasiadamente habituados a viver a nossa própria morte, para nos lembrarmos de que Cristo já a venceu em nós. Aliás todos os que nos rodeiam julgam encontrar a vida nessa mesma aniquilação, o que tem o efeito de muito nos dificultar a vida de ressuscitados. Mais fàcilmente esqueceríamos a morte em nós, do que admitimos a vitória sobre ela.

Todos os homens procuram a vida, porque ser homem não se resume a ser um organismo vivo mas exige mais, uma vez que somos pessoas. Exige uma consciência dessa mesma vitalidade, um movimento imanente, um em reconhecimento de nós próprios. Precisamos de nos sentirmos vivos e porque limitados, temos de entrever um fim e uma realização maior. Deus não precisa de encontrar um fim para a Sua Acção, porque sendo Ser Perfeitíssimo em Si encontra o Acto perfeito, a razão de ser. Deus é. «Sendo» por definição, não procura realizar-Se o que exigiria a possibilidade de vir a superar-se a Si próprio. Deus realiza-Se porque é.

Nós, contudo, limitados mas com fermento divino de ser, procuramos fins e realizações, procuramos superar-nos. Daí a procura primeira que apaixona quantos aprendem a reconhecer-se. A procura da validade da vida. Neste princípio faz-se a primeira grande descoberta, a descoberta da sinceridade. Eu, homem, tenho de ser fiel à vida em mim. A sinceridade, porém, não satisfaz. É que eu não sou um espelho

perante a vida, mas eu próprio construo a vida. Só interessa que seja fiel à vida, se a minha vida valer em si própria. A sinceridade é relativa. Aprendo assim a distinguir a verdade da sinceridade. É a própria vida no que ela tem de mais íntimo que deve corresponder ao absoluto, não deixando de ser relativa.

Por enquanto, contudo, a verdade está ainda demasiadamente subjectivada. Daí o rigor da lógica, o exagero, a insatisfação. A vida é mais que uma verdade. A própria fidelidade humana é mais rica do que uma reprodução — não digo imitação mas «re-produção» — exacta. Esta descoberta cria um drama que é ponto de partida para a futura atitude que se vem a tomar. A escolha é indeclinável. Ou o cepticismo *— que condena toda a verdade com o alibi de ela não ser tudo, de ela nos aparecer como um aspecto de tudo, aspecto variável — ou a* humilhação *— que faz o homem descrer da sua possibilidade de realizar essa vida que sonhara, e o lança na mediania — ou finalmente a* vitória *— de quem não renuncia a reconhecer-se mais, de quem persiste na experiência por vezes dolorosa.*

Supera-se esta dificuldade, vendo que o problema do valor da vida não está só nos valores externos, no problema da re-produção que nos parece — e ainda bem — limitado. O problema está também em nós próprios, mediante a doação de tudo o que somos — não só de tudo o que temos. Doação que se faz a alguém mediante nós e através do mundo objectivo. Isto é, levanta-se com toda a acuidade o problema do bem. Ora isto é muito duro, porque o conceito e vivência do bem, estão pelo menos tão alterados, como a vivência e o conceito da verdade. Confundiu-se durante muito tempo o bem com a mediania e a exterioridade. Posteriormente houve quem dissesse que o bem era a vertigem da verdade exclusivamente racional, e com isto fez-se cair o bem no ridículo já depois de a verdade ser tida como ingénua.

O bem, — era grande a tentação — foi tomado como simples sinceridade — ser bom é ter bom fundo, é sentir, vibrar, é o mundo subjectivo. E assim como é errado pensar que a verdade é tudo, que ela só está no mundo externo, objectivo, é falso também, que tudo o que está dentro de nós é bom. A verdade exige uma «produção» nossa e o bem exige uma fidelidade. Ou seja, quando contemplamos, não podemos realizar um função exclusiva da inteligência, mas temos de nos projectar conscientemente no ser contemplado. Quando queremos não

basta desejarmos inconscientemente, mas precisamos de confrontar o querer com o ser. A interpenetração destas duas funções é exigida pela nossa natureza de homens. O seu esquecimento arrasta-nos para o racionalismo e para a irresponsabilidade, ambas igualmente falsas.

Uma vez, porém, descoberta esta chave fundamental para a vida, a vida contínua, e o mesmo é dizer, que cresce a ânsia de ir mais longe. Aqui, nova dificuldade: a tentação da angústia. *Angústia que é a verificação, o reconhecimento, do limitado que somos, perante o absoluto que presentimos e que ainda não compreendemos. A angústia vive da incerteza, da perplexidade; é filha da incompreensão. É fruto de alguém se sentir a falhar — quem há que o não sinta — mas sem ver como as suas falhas possam deixar de ser traição irreparável. Falhas próprias e falhas dos outros, falhas de tudo e de todos. A angústia é o escândalo com a vida, é uma descoberta frustrada, que causa vertigem e encerra atractivos porque se aproxima duma grande verdade. Nova paragem para a maioria dos homens. Ficar na angústia, sentindo o espinho sem saber como o arrancar e com medo da sangria. Procurar poesia na angústia, explorar tudo o que ela tem de válido, cair na contradição. Ser de novo ou céptico, ou um humilhado, agora num plano já diferente. Ser céptico não da verdade mas da vida, o que é mais sério. Sentir-se humilhado não só perante o mundo externo mas em frente de si próprio. Toda a humilhação que não é aceite, degenera em soberba, e por isso quem vive na angústia está longe de ser humilde. É que sendo negação, ela não pode permitir a alguém que se realize. A angústia pode ser caminho para a humildade, mas não é ainda humildade.*

Para além da angústia está o amor. O amor compreendido em toda a sua riqueza, como atitude nossa, como doação inteiramente verdadeira, esplendorosa; como doação que nos realiza, mas que não é intentada primàriamente para nos realizar. O amor exige alguém, e o único alguém que o justifica plenamente é Deus, é o Absoluto. Aqui o escândalo maior, o grande perigo que se encontra na concepção de Deus como O absoluto estáctico, O que seria a negação do próprio amor. Assim a solução da vida aparece como a negação da própria vida. Deus seria O imutável, O que por definição não seria dinâmico, O que se não poderia adaptar ao relativo que nós somos. Como amar a Deus? Servi-lO ainda se compreende, adorá-lO é possível, mas como amar?

Até este ponto chega o caminho fora da revelação, quer a revelação

bíblica ou eclesial, quer a descoberta de que Deus fala no próprio mundo natural, das coisas e dos homens. A descoberta de que Deus fala, é uma vida nova para nós, é o encontro com a Pessoa de que precisávamos. Não nos dirigimos para Ela movidos pelo próprio interesse, mas sim pelo deslumbramento que nos causa em todo o nosso ser.

O cristianismo vai ainda mais além. Deus é Pai, Filho, Espírito Santo e entre estas três Pessoas há uma vida divina que se nos comunica, que se exerce em nós. Mais do que adaptação do Ser ao relativo, de modo a O podermos amar, há a própria infusão da vida íntima do Absoluto e isto inteiramente ao nosso nível.

Em Jesus esta união de Deus e do homem é substancial, é pessoal, e mais ainda, realizada na Pessoa do Verbo. É a própria Pessoa do Filho que por obra e graça do Espírito Santo toma no seio de Maria, mulher do nosso mundo, a natureza humana. É o admirável mistério. Cristo é a única explicação. Com Ele tínhamos a chave da vida. Não que a incarnação do Verbo fosse exigida pela nossa natureza mas porque embora gratuita ela é a coroa magnífica. Por ela nós podemos ultrapassar a angústia em amor esplendoroso. Por ela nós podemos caminhar triunfalmente na procura de Deus, na vida de Deus.

Deus quis, porém, que com a Incarnação de Jesus, que já nos revela um Deus Pessoal a amar-nos infinitamente, não terminasse o mistério da Sua Revelação. Toda a vida de Jesus nos revela quem é Deus, nos revela a Verdade, a Realidade o Absoluto. Jesus disse que Ele próprio era a Verdade. A verdade, não é portanto algo de estático mas uma Pessoa, o eminentemente adaptável, o «amável» por excelência. Por isso a verdade não se possui nem se domina. Sendo absoluta e pessoal, é Ela que nos domina. A verdade é o ponto de vista do Verbo sobre o Ser, sobre Deus e as Suas processões. O Verbo é o próprio pensamento do Pai. A Verdade será por isso o pensamento pessoal — isto é, pensamento que é pessoa — de Deus sobre o que é.

O Espírito da Verdade é o Amor. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus. Jesus, Homem—Deus, homem subsistindo no pensamento pessoal de Deus, envia o Seu Espírito à Igreja. Este homem que é Deus, revela-nos com a Sua vida a Verdade. Depois envia-nos o Seus Espírito. Aqui o mistério. É que este Homem que é Deus, morreu e ressuscitou. Está vivo. E hoje é Cristo total, isto é, Ele e nós. Nós acidentalmente a Ele

unidos, unidos ao Pensamento de Deus, à Verdade de Deus incarnada, e animados pelo Espírito da Verdade, pelo Amor.

A verdade de Deus revela-se ainda hoje ao mundo, e revela-se em Cristo total, na Igreja, em nós. Nós somos enviados em Cristo a dar testemunho da Verdade. Este testemunho não é só o que dizemos nem só o que fazemos. Este testemunho somos nós inseridos em Cristo e animados pelo Espírito. Nós assim, somos a solução do mundo, e a nossa própria solução. Assim é a vida de baptizados na morte de Jesus e de ressuscitados na Sua ressurreição.

Em nós há a morte. Antes de mais, as obras da morte: o que é mau, a injustiça, a preversão, a malícia, a inveja, as disputas, as difamações, a desobediência, a insensatez, a deslealdade. Quem pratica tais acções é digno de morte (cf. Rom. 1/29ss). Mas a morte pode ir mais além, e nós já o vimos. A morte é toda a falta de Espírito, porque o Espírito é a Vida. Haverá uma distinção real, entre as palavras de Jesus ao dizer que era Caminho, Verdade, Vida? *Não serão três sinónimos da mesma realidade? A Verdade, é caminho e vida, porque o seu Espírito é o Amor, Amor que nos foi dado para pronunciarmos o nome do Pai.*

Temos sofrido neste campo várias tentações. Uma delas é a de pretendermos exigir à Teologia mais do que ela pode dar. Vejamos o caso da Teologia das Realidades Terrestres. Quanto a ela, duas tendências. A primeira foi a de pretender colocar o mundo sobrenatural num lugar reservado da nossa vida. Era a negação do problema: a religião seria um acto da vida ao lado de outros actos, com o seu lugar e tempo determinado. Tendência absurda que veio a cair por si própria. Depois exigimos à Teologia que nos marcasse as fórmulas do nosso comportamento, e isto é um exagero em sentido contrário, mas não menos perigoso. A salvação e o bem, não estão nas obras, mas no Espírito que as anima. Não obstante há obras — as da morte — que não podem ser praticadas por um ressuscitado. A maioria, porém das obras classifica-se e define-se pelo Espírito; pela sua presença ou ausência.

É caso de reparar na diferença entre a virtude e a rotina. A sua tradução externa é a mesma, e contudo são diversas essencialmente. A rotina é morta, estáctica; é fórmula. A virtude é espírito que anima uma acção, é viva, adaptável, pessoal. A rotina de fazer coisas boas (?) não pode ser apanágio de cristão. O cristão não faz coisas boas, vive o Bem, vive impulsionado pelo Espírito que o leva a realizar o que Deus pensa, a realizar a Verdade, a realizar Cristo na sua vida, a ser Cristo.

Outros perigos ainda, nos têm assediado. Acreditamos muitas vezes no nosso valor pessoal. Esse é o escolho de morte em que se esmaga quem não tomou ainda consciência de que está baptizado. Vimos no princípio destas notas, a dialéctica da vida e da morte, da descoberta e da barreira em que se debate o espírito do homem, sòzinho até descobrir o amor, melhor, até descobrir que a Verdade e o seu Espírito que é o Amor, vieram até nós. Até esse ponto, só o relativo, só o pequeno, só o problema. Depois a solução, a vida, Deus. Pretender uma vida na Vida com as armas da morte, é absurdo. A vida está em nós porque há uma força em nós que nos faz ressuscitar contìnuamente.

Reparai no amor. O amor é movimento que partindo de nós para uma pessoa, unindo-nos a ela, em nós volta a terminar e de novo a partir. Outrem entra em nós; entra no nosso movimento imanente; estabelecemos circularidade. Assim com Deus. É o amor de Deus que nos chamou para a graça primeira. Amor correspondido e que na circularidade nos vai enriquecendo, transformando-nos na Verdade, animados pelo Amor.

Outra dificuldade temos encontrado na concepção da morte em nós. Há sempre a tentação de tomarmos em sentido cronológico o caminho apontado nas primeiras linhas. Ao problema da sinceridade, seguir-se-ia o da verdade, depois o da angústia, até que conquistávamos a ressurreição. Mas nada mais falso. Antes de mais, estes estádios são mais lógicos que cronológicos. Depois, porque são vida, não são estácticos nem definitivos. Interpenetram-se. Somos conquistados pela Vida, mas podemos ser-lhe infiéis. A força de Deus, dá valor ao que fazemos e somos, mas é preciso que estejamos dispostos a fazer e a ser. É já o respeito amoroso que Deus teve pelo homem ao criá-lo livre, para que a sua entrega nas mãos de Deus, fosse uma entrega de amor. Deus correu o risco do pecado do homem... o risco imenso que lança em nós o problema do mal. Nós também corremos o risco de sermos infiéis a Deus que é fiel.

Aliás é este o problema de toda a criação. A criação primeira é contínua, é acção de todos os instantes. A segunda — se alguém existe em Cristo é uma nova criação — *é-o também. É acção de Deus em cada instante. Podemos por isso caminhar entre a vida e a morte em todos os momentos. Não estamos no estado de vida, puro, como também não estaremos no de morte absoluta. Enquanto vivemos neste mundo poder-*

-nos-emos sempre voltar para Deus. Enquanto estamos na terra, nunca possuimos uma santidade definitiva. Estes pontos são de fé.

Finalmente, temos esquecido o valor da solução que o cristianismo encerra para nós. Lembremo-nos de que o grande escolho tem sido o escândalo da vida. Quando vemos o bem, encontramos o mal. Vemos a exigência e sentimo-nos falhar, e isto em todos os campos e em toda a gente. É o contraste entre o Absoluto e o Relativo; é o caminhar entre o cepticismo e humilhação, e a vitória. Só o sentido escatológico da nossa ressurreição em Cristo, que neste mundo não é definitiva, pode resolver o problema. Para tal é precisa a virtude da esperança. Confiar em Deus que é fiel; é a Sua fidelidade que nos conserva. A esperança dá dinamismo à fé. Creio em Deus e na sua Igreja, e creio de tal maneira que acredito na eficiência da salvação, que espero essa salvação para mim e para tudo o que foi criado. Espero que tudo em Deus encontrará sentido; espero que um dia hei-de ressuscitar definitivamente para uma vida nova, para a vida em Deus. Espero em que a Verdade Incarnada cujo Espírito é o Amor se irá realizando nos homens, consumando-os na unidade da vida trinitária.

Resumindo em poucas palavras, diremos que a nossa ressurreição é algo de lábil que vive na esperança do definitivo. Que ela se realiza pelo Espírito de Deus com Quem entramos na união de amor. É Ele Quem nos santifica, consagra e consuma na unidade em Cristo. A ressurreição é obra divina de cada instante. A vida de ressuscitados distingue-se pelo Espírito que anima as obras de justiça por nós realizadas. O Absoluto é Alguém feito homem como nós, é o Pai e é o Espírito de Jesus. Deus vive em nós e transforma-nos em Cristo.

Estas bases teológicas do Tempo Pascal, lançam alguma luz sobre as celebrações da Igreja durante esta época do ano, toda cheia com as celebrações do nosso baptismo e ressurreição em Cristo.

FERNANDO MICAEL

O KERYGMA NOS ACTOS DOS APÓSTOLOS

Uma das grandes preocupações pastorais do nosso tempo é sem dúvida a de se procurar uma maior autenticidade na proclamação da Mensagem de Salvação (1).

Efectivamente, mais do que nunca, a Igreja sente hoje esta necessidade. Embora vinte séculos tenham decorrido sobre os tempos apostólicos, em muitos pontos porém, a geração actual se aproxima ainda da época de Cristo e dos Apótolos.

Alguém houve, que fazendo a aplicação ao nosso tempo da parábola da ovelha perdida (Lc. 15/4-7), propôs a sua inversão e assim não serão agora as 99 ovelhas que se têm de deixar para se ir em busca de uma perdida; mas antes, uma que se deixa, para se ir à procura das outras noventa e nove!!!

Assim foi a Igreja primitiva, pequena como um grão de mostarda, mas contendo em si a vitalidade com que a vemos manifestar-se e crescer dia a dia...

«Ide, ensinai todas as gentes...». Foi a ordem de Cristo... E a Igreja parte à conquista do mundo. E qual é a Mensagem que levam os seus arautos? — Precisamente, a Boa Nova, a Mensagem de Salvação.

Vejamos ràpidamente qual o conteúdo desta Mensagem e o modo como foi feita a sua proclamação, segundo os Actos dos Apóstolos.

A PROCLAMAÇÃO DA MENSAGEM COMO TESTEMUNHO

Antes de mais, a proclamação da Mensagem aparece-nos nos Actos como um testemunho a dar: «sereis minhas testemunhas» disse Jesus aos Apóstolos, à guisa de testamento, pois foram estas as suas últimas palavras, antes de subir ao Céu. (Act. 1/8).

No Novo Testamento, aparece-nos o Pai a dar testemunho de Seu Filho: no momento do Baptismo (Mt. 3/17); na Transfiguração (Mt. 17/5); e ainda na hora solene da Paixão (Jo. 12/28, 30). O próprio Jesus afirma que o Pai dá d'Ele testemunho: (Jo. 5/32; cf. 5/36 ss. e 8/18).

Também o Espírito Santo nos é apresentado no Evangelho como testemunha em favor de Jesus Cristo: (Jo. 15/26). É Ele que «dá testemunho das coisas vistas

(1) Veja-se por exemplo a publicação da «Maison-Dieu», n.º 39, 1954, dedicada ao problema da pregação.

e ouvidas» (Jo. 3/32). Cristo é Testemunha do Pai e de Si mesmo: (Jo. 8/14, 18; 3/11; I Tim. 6/13; cf. Apoc. 1/5).

Ora Jesus comunicando aos Apóstolos a Sua Missão (Jo. 20/21) comunica-lhes também o dever de darem testemunho: (Mt. 10/18; Jo. 15/27; Act. 1/8; 23/11, 20/24, 22/15, 26/16, 22).

Se percorrermos os Actos veremos como esta palavra sob várias formas nos aparece a cada passo.

Testemunha (grego: mártys): 1/8, 22; 2/32; 3/15; 5/32; 10/39; 10/41; 13/31; 22/15; 22/20; 26/16.

Testemunho (grego: martyrion): 4/33.

Dar testemunho (grego: martyreīn): 10/42; 14/3; 15/8; 22/5; 26/5.

Os apóstolos são pois testemunhas e testemunhas oculares e auriculares: «aquilo que *vimos e ouvimos* isso vo-lo anunciamos» (I Jo. 1/1-3); «não podemos deixar de falar daquilo que *vimos e ouvimos*» (Act. 4/20).

Mas dum modo especial eles são testemunhas da Ressurreição de Cristo: (Act. 1/22, 2/32, 3/15, 4/33, 5/32, 10/39-42; 13/31).

*

Este testemunho apostólico é-nos apresentado como um testemunho colectivo referido ao Colégio. (Act. 2/32 cf. 2/14; 3/15; 5/32 cf. 5/29; 13/31).

No dia do Pentecostes é «de pé com os Onze» que S. Pedro apresenta a Mensagem: (2/14). Matias é escolhido para ser *com os outros Apóstolos* testemunha da Ressurreição (1/22). É sempre o plural que nos aparece: «*Nós* somos disso testemunhas» (2/32, 3/15; 4/20, 5/32, 13/31 etc.). «E com grande poder davam os *Apóstolos* testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus» (4/33).

Este testemunho eles o dão pelas suas palavras, mas sobretudo pelas suas obras, seguindo aliás o exemplo do Mestre, o qual começou primeiro por fazer e só depois ensinar (Act. 1/1). É ver os Apóstolos a sairem do Sinédrio alegres por terem sido achados dignos de sofrer pelo Nome do Senhor Jesus (Act. 5/41). Se eles deram testemunho da Palavra, o testemunho da sua vida é ainda bem mais valioso... E se a Igreja canta dos seus primeiros Mártires (Santos Inocentes) que eles deram testemunho não com palavras mas com a sua própria morte («non loquendo sed moriendo confessi sunt»), dos Apóstolos ela pode dizer que o deram admiràvelmente duma maneira e doutra. O testemunho da sua palavra foi selado pelo da sua vida e este pelo da sua morte.

*

O aspecto comunitário da pregação é ainda lindamente traduzido pela bela oração da Comunidade: «Concede, Senhor, aos teus servos o poderem anunciar com todo o desassombro a Tua Palavra» (Act. 4/29). É que a pregação da Mensagem Salvífica é algo de primordial importância para a vida da Igreja. Por isso

mesmo, vemos os Apóstolos a criarem a instituição dos diáconos, a fim de eles próprios se poderem dedicar à Oração e ao Ministério da Palavra (Act. 6/4, 2b). E por várias vezes S. Lucas nos adverte que a «Palavra de Deus ia em progresso»: (Act. 6/7, 12/24, 19/20). E ainda que os Apóstolos «pregavam quotidianamente»: (Act. 5/42).

*

Qual então o objecto deste testemunho e da proclamação da Mensagem? É um anúncio, uma proclamação (kérygma, vd. v. g. I Cor. 2/4, I Pet. 3/19, Mt. 12/41, etc.). Nada de doutrinas abstractas. Não se trata do ensinamento duma verdade estática, antes pelo contrário é o anúncio dum acontecimento salvífico («magnalia Dei»: os grandes factos realizados por Deus). É sobretudo a Pessoa de Jesus que se põe em foco. Cristo morto e ressuscitado (cf. I Tes. 1/9-10) e em seguida um apelo à conversão e ao baptismo.

Para os judeus constitui ponto importante o argumento profético. Provar pela Escritura que Jesus era realmente o Cristo (Messias): Act. 2/36, 3/18, 20; 5/42, 8/5,12; 9/22, 17/3, 18/5,28; 24/24; 26/23.).

Os ouvintes são postos diante da figura de Jesus, a quem devem dar uma resposta. Foram eles que pelas mãos dos seus chefes deram morte a Jesus. (Vd. as expressões directas — «que vós crucificastes»: (2/23, 33, 36; 4/10; 5/30). É curioso notar o coeficiente de ignorância que S. Pedro e S. Paulo atribuem aos autores do crime nefando da morte de Jesus (Act. 3/17 cf. I Cor. 2/8). É que do mal Deus sabe tirar o bem, ou como diz o nosso povo, «Deus escreve direito por linhas tortas» e assim Deus realizou os seus desígnios de Misericórdia através da maldade dos homens (Act. 4/27-28). Para dar cumprimento a esses desígnios de Deus, já anunciados pelos Profetas, era necessário que Cristo padecesse para depois entrar na Glória (cf. Lc. 24/26-27).

APELO À CONVERSÃO

Se observarmos os vários discursos, notaremos que muitos deles terminam por um convite ao arrependimento e a uma conversão para Deus: (Act. 2/38; 3/19; (26); 5/31 (10/43); 13/38; 17/30 cf. 26/20; Lc. 3/8; 5/32; 13/3).

Assim começa S. João Baptista a sua pregação: «Fazei *penitência* (arrependei-vos) pois está próximo o Reino de Deus»:Mt. 3/2 cf. Mc. 1/4 e Lc. 3/3. Cf. também Act. 13/24).

Pelas mesmas palavras, começa também a pregação de Jesus: (Mt. 4/17 cf. Mc. 1/15).

Por sua vez, os Apóstolos também eles pregarão a PENITÊNCIA: (Lc. 6/12; 24/47). .....

Diante de Agripa, Paulo apresenta o motivo da sua prisão: — o de pregar a Penitência (METÁNOIA) e o retorno a Deus (Act. 26/20). Aos Coríntios manifesta o Apóstolo a sua alegria por eles terem vindo à Penitência... (II Cor. 7/9). Não é apenas aos judeus que S. Paulo apresenta a Boa Nova sob o ângulo da penitência; também o faz para os pagãos: (Act. 17/30; Rom. 2/4). A todos quer

Deus salvar e trazer à penitência: (II Pet. 3/9). É curioso notar o espanto dos primeiros cristãos pela conversão de Cornélio: «Também aos Pagãos deu Deus a «metánoia» em ordem à Vida» (Act. 11/18). Ao despedir-se dos cristãos de Mileto, o Apóstolo S. Paulo recorda-lhes que lhes pregou a «metánoia» e a fé no Senhor Jesus: (Act. 20/21).

Mas em que consiste esta «metánoia»? — Etimològicamente é a mudança de pensar, de mentalidade (nous), portanto uma mudança interior. Comporta duas fases: primeiro, a verificação do erro na sua conduta, de um mau caminho seguido até ali e consequentemente a pena e o arrependimento de tal procedimento; e depois, a decisão de tomar novo rumo. Abandonar o mau caminho seguido anteriormente e retomar o recto caminho, eis em que consiste a «metánoia». Não é apenas o mudar de mentalidade. Para um hebreu não há separação entre a inteligência e a vida, entre o pensamento e a acção... A «metánoia» dirige-se ao homem todo, que não apenas à inteligência. É uma mudança de ordem vital. É uma CONVERSÃO total... É a ruptura com toda a vida passada e uma direcção nova, moral e religiosamente superior, que se imprime à vida toda.

Mas se a «metánoia» supõe o passado, ela não se prende a este aspecto negativo. Antes pelo contrário. Orienta-nos para Cristo, para o futuro. Veja-se por exemplo a própria pregação de João Baptista, projectando os seus ouvintes sobre a visão gloriosa do «Reino de Deus, que está próximo» (Mat. 3/2 e paralelos Cf. Mat. 1/15), ao encontro d'Aquele que vem depois dele (Lc. 3/16). E nos Actos, por exemplo, o final do discurso de S. Pedro: (3/20...)

Já a Mensagem profética comportava este duplo elemento: Em Isaias (55/7): «Abandone o ímpio o seu caminho e o perverso os seus pensamentos e que ele se converta para o Senhor, que terá dele piedade...» cf. Joel 2/12; Zach. 1/3; Is. 45/22; Jer. 35/18).

Exige-se pois uma resposta do homem à Misericórdia de Deus que se debruça sobre a sua miséria. E esta resposta, que é uma adesão total à Pessoa Divina de Cristo, nós vemos que ela de facto se dá. «Que havemos de fazer?» — Perguntam os ouvintes a João Baptista (Lc. 3/10). A mesma pergunta fazem aos Apóstolos. (Act. 2/37) «Senhor, que quereis que eu faça?» — exclama também Saulo na estrada de Damasco!

É a atitude aberta da disponibilidade total da rendição inteira a Cristo... A todos se apresenta como caminho a percorrer para se salvarem a «metánoia» (cf. Lc. 13/3-5, 16/30; Mt. 11/21, 12/41).

Mas enquanto para João Baptista ele exige que os seus ouvintes entrem num estado durável de conversão, essencialmente moral, que ele precisa em pormenor para cada categoria de pessoa (Lc. 3/10-14), S. Pedro reclama antes uma adesão radical e imediata que se situa não no plano moral, mas no plano da fé. (Act. 2/36). O imperativo presente («metanoeite — Mt. 3/2) marca o ponto de partida de uma mudança que deve ser continuada. O imperativo aoristo («metanoésate» — Act. 2/38) uma mudança radical, realizada de uma vez. Jesus não é apenas o Messias de Quem se aceita a Palavra, mas antes o Senhor (Kyrios — Act. 2/36), a Quem se faz uma entrega total, uma conversão vital... As exigências morais vêm apenas como consequência... O Baptismo que se segue é

também consequência lógica da «metánoia» (Act. 2/38) e por ele o novo cristão dá entrada na Comunidade...

A pregação tende pois a formar o novo Povo de Deus, que não apenas a converter indivíduos...

Este aspecto comunitário dos Actos, já atrás acenado, é-nos ainda sugerido duma maneira curiosa pela inserção de uma descrição da vida da Comunidade primitiva, após a narração dos dias do Pentecostes (Act. 2/42-47). Vejam-se ainda os outros quadros de conjunto: (Act. 4/23-5/16; 6/1-7; 8/1b-3, etc.).

Esta perspectiva comunitária, que ora se pretende renovar, não estará ainda muito desprezada nos nossos dias?...

BALTASAR FARINHA

J. HAMAIDE et P. GUILBERT, L'Annonce du Salut dans les Actes des Apôtres *in* Lumen Vitae, Jul.-Set. 1957, págs. 413-429.

E. ROCHE. S. J., Pénitence et Conversion dans l'évangile et la vie chrétienne *in* Nouvelle Revue Théologique, 1957 (Fev.) págs. 113-134.

NO ANIVERSÁRIO DE UMA GRANDE ENCÍCLICA

«Ninguém pode já, em consciência, repetir a pergunta feita ao Divino Mestre, há quase dois mil anos, pelo escriba do Evangelho: «*E quem é o meu próximo?*» O próximo é todo o homem — o Negro da África Central, ou o Índio das florestas do Amazonas — em carência mais ainda de bens espirituais que de bens materiais» (1).

«O próximo — diz o Cardeal Lercaro — não é só aquele que está perto de nós, aquele com quem nós temos interesses materiais em comum ou laços espirituais, aquele que cada um de nós, em suma, considera como o prolongamento de si mesmo. O próximo é essencialmente aquele que está necessitado... É precisamente esse que nós devemos amar. Com esse amor que é o fundamento do reino de Cristo.»

★

Vêm estas reflexões a propósito do aniversário da Encíclica «Fidei Donum», que agora decorre.

Em 21 de Abril do ano passado o actual Pontífice dirigiu ao mundo inteiro um doloroso e ardente apelo, que era também um desafio à generosidade dos filhos da Igreja. Na linha de rumo traçada pelos seus antecessores e com a mesma solicitude «*pela causa santa da expansão da Igreja no mundo*», que Ele próprio manifestara já claramente com a publicação das Encíclicas «Saeculo Exeunte Octavo», em 1940, e «Evangelii Praecones», em 1951, Pio XII volta a chamar a atenção do mundo para a situação presente das Missões Católicas, mas desta vez especialmente para as Missões do Continente Africano.

O Papa convida-nos a olhar de frente para a África, a meditar na agudeza dos problemas que ali se levantam nos nossos dias, a alistarmo-nos «*sob a bandeira da renúncia cristã e do dom de nós próprios, que vai muito além do que é de preceito e faz combater o bom combate generosamente, segundo as forças de cada um, segundo as inspirações da graça e as condições de cada um...*». Quer dizer: no pensamento do Sumo Pontífice nenhum cristão pode gloriar-se de *amar o próximo* se não sente em si um amor operante pelos povos africanos e por todas as questões ligadas ao seu destino.

---

(1) Pio XII — *Discurso ao Comité Internacional para a unidade e universalidade da cultura.*

Entretanto, pode perguntar-se: um tal relevo dado à África significará qualquer espécie de menosprezo ou esquecimento pelos problemas «missionários» de outras regiões, que clamam igualmente compreensão, auxílio, caridade?

Que dizer, por exemplo, das regiões descristianizadas da Europa e dos extensos países «católicos» da América Latina, onde o nível da prática religiosa deixa imenso a desejar, o clero é escassíssimo e o comunismo, o protestantismo e o espiritismo são autênticos cancros que proliferam intensamente entre os baptizados na verdadeira Igreja de Cristo?

Que cuidados haverão de nos merecer as longínquas Missões da Oceania e da Ásia, dessa Ásia regada pelo sangue de tantos mártires, com 53 % da população mundial, palco dum espantoso avanço do comunismo e com a exígua minoria de 31 milhões de católicos dispersos num total imenso e sempre crescente de 1 bilião e 300 milhões de seres humanos?

Terão sido olvidadas, ainda que por momentos, estas e outras gigantescas tarefas? De modo nenhum! Bastaria saber-se o que é a Santa Igreja e qual a essência da Sua Missão na terra para se responder logo negativamente. Como bastaria igualmente conhecer-se a largueza do coração de Pai que é sem dúvida uma das mais nobres características da figura extraordinária do actual Vigário de Cristo. De resto, a resposta à pergunta dá-a claramente o próprio Santo Padre, tanto ao terminar como logo no começo da Encíclica: «*... tendo presente no Nosso pensamento e na Nossa oração, estas tarefas indispensáveis, recomendando-as também ao vosso zelo, pareceu-Nos oportuno orientar hoje a vossa atenção para a África, na hora em que ela se abre à vida do mundo moderno e atravessa os anos talvez mais graves do seu destino milenário*».

ASPECTOS DA SITUAÇÃO DA IGREJA EM ÁFRICA

Não há dúvida nenhuma de que a expansão da Igreja em África é uma grande e esperançosa realidade. Se os algarismos nos são capazes de fornecer um indicativo de certo valor sobre esta expansão, poderá lembrar-se que o número de católicos triplicou no vinténio de 1931 até 1951 (5 milhões para 15 milhões). As últimas estatísticas «oficiais» que conheço, referentes a 1956, acusam a existência de 20 milhões de baptizados em África e de nada menos do que 3 milhões de catecúmenos (2). E se é evidente que nos últimos 20 anos a população total do Continente Negro quase duplicou, também é patente que o citado progresso numérico dos católicos está longe de se justificar apenas por este facto.

O Santo Padre resume assim, na «Fidei Donum», o avanço da Igreja em África durante o seu Pontificado:

«*Multiplicaram-se as circunscrições eclesiásticas; o número dos católicos aumentou consideràvelmente e continua a crescer em ritmo acelerado. Tivemos a alegria de instituir em muitos países a hierarquia eclesiástica e de elevar já*

(2) «*Grands Lacs*» (n.º 192, pág. 36) — Agosto-Setembro de 1957.

numerosos sacerdotes africanos à plenitude do sacerdócio, em conformidade com o «fim último» do trabalho missionário que é estabelecer sòlidamente e definitivamente a Igreja entre os novos povos».

O que fica dito não sofre contestação e é certamente motivo de alegria e de acção de graças. Mas... e o resto? O que está ainda por fazer? O muito mais que está ainda por fazer? As dificuldades sem conta que de todos os pontos se levantam?

Não se ilude o Papa, que logo a seguir se demora a demonstrar «*com o ânimo cheio de angústia*» como o trabalho que falta ainda realizar «*requer um esforço imenso e inúmeros obreiros*».

★

Para ninguém é já novidade dizer-se que a África está passando neste momento por uma fase de transformação material que decorre em ritmo acelerado e para a qual não deixam de contribuir em larga escala as suas grandes riquezas, por tantos séculos sepultadas e hoje tão prometedoras quanto imprevistas e cobiçadas.

«Mas superior a esta transformação material das coisas (*escreve o venerando Bispo da Beira*) há outra, grave e impressionante — a transformação da vida dos povos nativos. E se é rápido o ritmo da evolução do conjunto dos meios materiais, o da evolução dos costumes, das tradições e de todo o teor de vida africana pròpriamente dita é vertiginoso.

Não se trata de fenómeno local, circunscrito a determinada região africana, senão de episódio generalizado a todo o continente negro devido a circunstâncias várias e quase universais. O mundo deixou de ser desconhecido de si mesmo. Os meios de comunicação sempre mais rápidos tornam-se, dia a dia, progressivamente acessíveis a todos. As informações quer dos grandes acontecimentos quer dos episódios pormenorizados chegam dos pontos mais distantes e das regiões mais longínquas a toda a parte e a toda a gente. Nada de quanto se passa na Europa, na América e na Oceania é vedado ao conhecimento do habitante africano.

O dealbar deste estado de coisas, em data relativamente recente, constituíu para os indígenas um verdadeiro correr de cortina que os colocou abruptamente diante de mundos novos e de novidades tais que não podiam deixar de exercer sobre eles fascinações estonteantes e desorientadoras. Situa-se aqui o fenómeno da actual evolução da África, o qual é uma realidade e, em certo sentido, uma necessidade» (3).

A Igreja não se pode alhear desta situação, antes precisa de estar atenta, se quiser ser em verdade «sal da terra» e «luz do mundo». De resto, a sua própria acção encontra-se muitas vezes comprometida em face do rumo que tomam certos factores externos em presença. Se não há uma orientação segura, se a febre ou a cegueira arrasta os indivíduos ao sabor exclusivo da técnica ou de propagandas que destroem e falseiam o conceito de Deus e da obra redentora de Cristo, esta

(3) D. Sebastião Soares de Resende — «*Hora decisiva de Moçambique*», págs. 9-10 (1954).

evolução que ficou esboçada a traços largos, em vez dum autêntico «progresso» há-de constituir um movimento de «regresso à selva». Sabe-se, infelizmente, como isto tem acontecido e está acontecendo em muitos lugares.

Fenómeno marcante dos últimos anos e mais precisamente a partir da Grande Guerra — altura em que foi proclamado para os povos o direito de disporem de si mesmos —, é o despertar dos *nacionalismos*. Por toda a parte, gentes de todas as cores estão a tomar consciência da sua História, das suas capacidades muitas vezes inaproveitadas, da grandeza e da «civilização» das nações chamadas colonizadoras, de certas humilhações que estas acaso lhes infligiram ou infligem.

Conhece-se a influência que o *materialismo ateu* tem tido no desencadear destes e doutros movimentos ao longo de toda a África preta. Actuando, consoante as oportunidades, duma forma mais ou menos velada sob rótulos diversos (em muitos pontos, inclusivamente das nossas Províncias, há seitas protestantes «cujo pensamento consciente ou inconscientemente, coincide com o do comunismo») (4), o materialismo ateu «*vem difundindo o seu vírus de divisão, ateando as paixões, pondo uns contra os outros os povos e as raças, servindo-se das reais dificuldades para seduzir os espíritos com fáceis miragens ou para semear a rebelião nos corações*».

A Agência Suíça «Kipa» deu a conhecer que, pelos fins de 1953, em vários centros da Europa Oriental, particularmente nos velhos mosteiros de Reichenberg, Gran, Nage-Kanija e Clausenberg (Checoslováquia, Hungria, Roménia) existiam «seminários missionários» que preparavam propagandistas comunistas para trabalhar clandestinamente em territórios franceses, ingleses, portugueses e belgas. Entre os futuros agentes encontram-se na hora actual vários africanos. Em meados de 1956, contavam-se 15 vindos da Uganda (5).

Também a revista «News week», no seu número de 28 de Novembro de 1955, sob o título «This it the actual blueprint» (Eis o plano actual) apresentou os detalhes do plano concebido pela Rússia para a «conquista» da África. Nas suas grandes linhas consta do seguinte:

— «Infiltração» na África, de Túnis à Cidade do Cabo, de Dakar a Madagáscar;

— «Adesão» de todas as organizações comunistas e para-comunistas existentes aos movimentos nacionalistas em todos os países e territórios;

— «Apoio completo» dado a todas as formas de violência revolucionária e de fanatismo religioso.

Para aplicar esta nova política Krushchev escolheu Mikail A. Suslov, chefe da Organização Internacional Comunista e membro do «Presidium» do Partido.

Suslov desenvolveu e intensificou ràpidamente estas 4 principais actividades:

— «Escolas de adestramento» especiais para os africanos. O principal Centro de formação dos agitadores encontra-se em Praga com uma filial em Budapeste.

---

(4) D. Sebastião Resende — ob. cit., pág. 92.
(5) «*Le Christ au Monde*» (vol. II. 1957 — N.º 2, pág. 258).

Os «agitadores africanos são recrutados» em Ghana, Uganda, Nigéria, Togo, Congo Belga, Daomé e África Oriental Portuguesa.

— «Expedições checas» em África;

— O núcleo dum grupo clandestino de comandos;

— Infiltração nas missões religiosas. (6)

Outro movimento de estranha envergadura e que causa viva inquietação ao estabelecimento da Igreja em terras africanas é o *ressurgimento brusco do Islão*. Em 1931 havia 44 milhões de muçulmanos. Pois em 1951 já eles eram 80 milhões. E se é verdade que neste mesmo período os católicos passaram, como vimos, de 5 milhões para 15 milhões, também é certo que os partidários de Maomé duplicaram. (7) Não nos esqueçamos de que sobre 10 negros que se convertem 7 passam para o islamismo e 3 sòmente para o cristianismo. Se tudo continuar nas proporções actuais, em 1971 só teremos ainda 45 milhões de católicos ao lado de 180 milhões de mussulmanos!

Estes encontram-se sobretudo no norte e na costa oriental, mas hoje avançam à conquista do centro e do sul. No nosso Ultramar é conhecido o grave perigo que paira sobre o céu de Moçambique e da Guiné. Em Moçambique o Islão avança por toda a costa, mas é sobretudo nas dioceses do norte que a situação apresenta especial gravidade. Quanto à Guiné, diz Teixeira da Mota que em meio século (1900 a 1950) se fizeram mais maometanos do que cristãos tínhamos nós feito em 5 séculos. Presentemente, enquanto os católicos e catecúmenos desta Província devem andar pelos 20.000, os mussulmanos terão talvez ultrapassado os 175.000. Há muitas escolas onde o Corão se ensina. Na maior parte é de noite, ao relento, à roda duma fogueira que os rapazes aprendem. Fala-se em 450 escolas deste género sem contar 50 centros de cultura islâmica para adultos.

Outra barreira de não pequena importância que a Igreja Católica tem de vencer em África é o espectáculo doloroso da *divisão dos cristãos*, que sob a forma de infinitas seitas aparecem, também eles, a dizer aos nativos que pregam a verdadeira Igreja de Cristo. O descrédito que deste modo cai sobre o cristianismo e a perda de vigor que resulta para a pregação do Evangelho é fácil de imaginar e os missionários das zonas onde pululam as seitas protestantes dão-nos disso eloquente e desanimador testemunho. Isto sem já falarmos nos erros intrínsecos ao dogma e moral protestantes, através dos quais os indígenas recebem um Cristo mutilado e sem descermos a analisar o que está por trás de muitas seitas, mais ou menos clandestinas e às quais já anteriormente fiz breve referência, seitas essas que suscitam nos nossos dias preocupações de excepcional acuidade.

O simples facto de os cristãos se acharem divididos em plena frente de batalha, com a missão de converterem 85 milhões de animistas africanos, é singularmente triste e escandaloso.

Ocorre-me, a este propósito o que escreveu amargamente um dia certo autor a respeito da China: «Os missionários vieram dizer aos chineses que havia um só Deus, e depois apresentaram-lhes 160 e mais «credos» cristãos diversos».

---

(6) Vid. cit. anterior, pág. 259.

(7) «*Grands Lacs*» (n.º 187, pág. 8) — Out.-Nov. 1956.

E sobre a Índia, diz o P. Manna: «Há alguns anos havia na Índia 51 sociedades americanas, 65 inglesas, 65 alemãs, suecas, norueguesas, etc. E todas «ardiam em zelo» de dar o próprio Cristo ao povo indiano, e todas mais ou menos conjuradas contra a propaganda católica». (8)

★

Para um trabalho tão vasto como o que procurei deixar entrever, a Igreja em África está longe de dispor dos meios e do pessoal missionário urgentemente indispensáveis. Disto mesmo se lamenta e aflige o Santo Padre — pode dizer-se que do princípio ao fim da Encíclica — e neste sentido chama a atenção de todo o mundo fiel. Eis um dos seus impressionantes «desabafos»:

«*Vinte sacerdotes a mais, em determinada região bastariam para lá implantar a Cruz, quando, amanhã, essa mesma terra, trabalhada por outros operários, que não os do Senhor, será talvez impermeável à verdadeira fé*».

Medite-se também neste outro, que é simultâneamente um dramático e veemente apelo de Pai:

«*A esta penúria de homens acresce ainda, quase sempre, uma falta de meios que toca muitas vezes a miséria. Quem dará a estas novas missões situadas muitas vezes em regiões pobres, mas importantes para o futuro da evangelização, o auxílio generoso de que têm necessidade tão urgente? O missionário sofre vendo-se tão privado de meios e na presença de tais tarefas; não pede para ser admirado, mas sim ajudado a fundar a Igreja onde isso ainda é possível*».

É preciso «*formar depressa um grupo escolhido de cristãos no meio de um povo ainda neófito...; é necessário fundar colégios e difundir o ensino cristão nos vários graus...; terá de se multiplicar a imprensa católica em todas as suas formas e haverá que preocupar-se com as técnicas modernas de difusão e cultura...; é sobretudo indispensável dar um crescente desenvolvimento à Acção Católica e satisfazer as necessidades religiosas e culturais de uma geração que, privada de suficiente alimento, estaria exposta a ir procurá-lo fora da Igreja*».

Nalguns territórios a Igreja realizou um trabalho formidável. Mas nem por isso a situação é menos complexa, já que este crescente desenvolvimento põe problemas para os quais dificilmente se vê solução. Como exemplo não deixo de registar aqui, no original, partet da «explosão» de alegria, inquietação e admiração ao mesmo tempo, que o P. Didion, da diocese de Namur exprimia da seguinte maneira, ao regressar de Ruanda:

«Souvenir inoubliable: le dimanche premier juillet, à la messe de 7,15 h à Kabgayi, j'ai consacré dans l'imense ciboire de 49 cm de diametre, 11.000 hosties... Aux 3 messes du dimanche, 6 ou 8 prêtres distribuent la sainte communion... A certains jours, 20.000 Noirs communient dans la même église. Il faut l'avoir vu...» (9)

O cónego Haustrate, Director das Obras Pontifícias da Diocese de Tournai escreve:

---

(8) «*O Problema Missionário e os Sacerdotes*», pág. 21.
(9) Vid. cit. (7), pág. 24.

«Os nossos missionários realizaram uma obra magnífica. A cristandade do Congo e de Ruanda-Urundi atinge os 5 milhões. Os catecúmenos são cerca de 1 milhão. Por toda a parte se levantam espaçosas igrejas, escolas, hospitais, dispensários, maternidades, centros sociais, etc. Isto é tanto mais admirável quanto é certo que nós não trabalhamos no Congo Belga senão desde há 70 anos.

Mas eis que chega o momento crucial.

Torna-se impossível continuar o trabalho de extensão da Igreja. É preciso optar entre estes 2 objectivos igualmente urgentes: a evangelização dos pagãos e o trabalho de aprofundamento da vida cristã dos baptizados. Em muitos casos já fomos obrigados a optar... abandonando o primeiro» (10)

Ressalta claramente de tudo isto a necessidade inadiável dum eficaz auxílio exterior, que há-de brotar do coração de todos quantos pertencem ao mesmo Corpo Místico de Cristo.

«*Serão as dificuldades de tal situação suficientes para chamar ao seu dever missionário tantos dos Nossos filhos, que não agradecem suficientemente a Deus o dom da fé recebido numa família cristã ou os meios de salvação que lhes foram postos ao alcance da mão?*» — interroga ansiosamente Pio XII.

«O CONCURSO DE TODA A IGREJA»

Depois do que fica escrito não é difícil tirar a conclusão: toda a Igreja tem de ser posta em «estado de missão» para salvar a África.

O Papa mostra com textos da Escritura, dos Santos Padres e do Magistério, o dever que impende em toda a parte sobre os sucessores dos Apóstolos de se empenharem nesta cruzada de amor fraterno, dever este que aparece aliás com extraordinária evidência a todo o cristão consciente da dignidade e da responsabilidade que assumiu no momento do baptismo. O Santo Padre lembra, sugere, suplica...: «*Unidos por mais estreitos laços quer a Cristo quer ao Seu Vigário, vós tereis gosto, Veneráveis Irmãos, em tomar, com espírito de viva caridade, a vossa parte nesta «solicitude de todas as igrejas» que pesa sobre os nossos ombros. Vós, estimulados pela caridade de Cristo, ficareis contentes por sentir a fundo coNosco o imperioso dever de propagar o Evangelho e de estabelecer a Igreja em todo o mundo; sentir-vos-eis felizes por difundir entre o vosso clero e fiéis um espírito de oração e de mútuo auxílio, na medida das dimensões do coração de Cristo*».

Depois de condenar toda a divisão no seio da Igreja e de proclamar que nada há mais nocivo para Ela do que o isolamento e «*todas as formas de egoísmo colectivo que induzem uma comunidade cristã particular, qualquer que seja, a fechar-se sobre si mesma*», Pio XII demora-se a insistir no *triplice dever missionário*, que a Santa Igreja desde os seus começos nunca deixou de lembrar aos seus filhos, e que consiste na oração, na generosidade pela Causa Missionária e, *para alguns, no dom de si mesmos*».

Oração, esmola, vocações... em favor da África: eis o que pede insistente-

(10) Vid. cit. (7), pág. 32.

mente o Sucessor de Pedro a todas as comunidades cristãs que verdadeiramente se prezam de o ser.

Oração — de que «*a forma mais excelente é aquela que Cristo, Sumo Sacerdote, dirige Ele mesmo ao Pai sobre os altares em que renova o seu sacrifício redentor*». Oração, humilde e perseverante, saída dos lábios de toda a cristandade com a convicção profunda de que sem ela nada de grande e estável se construirá.

Esmola: «*dai do vosso supérfluo e às vezes até do vosso necessário... Com o dinheiro que o cristão gasta, por vezes, em gostos passageiros, quanto não faria tal missionário paralizado no seu apostolado por falta de meios!*»

Vocações. S. Paulo pergunta: «Mas como invocá-lo (*o nome do Senhor*) sem primeiro crer nele? E como crer sem primeiro o ouvir? E como ouvir sem prègador? E como prègar sem ser primeiro enviado?» ([11]).

Dirigindo-se aos Bispos o Sumo Pontífice pede-lhes em primeiro lugar «*para favorecerem de todos os modos as vocações missionárias: sacerdotes, religiosos, religiosas*», procurando desenvolver entre os fiéis «*uma condição de espírito, uma disposição de alma, que os tornem mais sensíveis às preocupações da Igreja e mais dispostos para ouvir o antigo chamamento do Senhor que ressoa de idade em idade: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai e vai para a terra que te hei-de mostrar»*.

Prosseguindo, Sua Santidade diz que é necessário ir ainda mais longe. E assim convida as dioceses mais providas de clero a sacrificarem-se um pouco, cedendo algumas vocações, e mesmo aquelas «*que já não podem fazer face às necessidades espirituais das próprias ovelhas também não devem ser surdas ao apelo das missões distantes*».

Lembra depois a solicitude que devem merecer aos Bispos das dioceses para onde vêm continuar os seus estudos, todos os estudantes africanos e asiáticos, que desenraizados do seu meio, não só não chegam muitas vezes a aproveitar os verdadeiros valores da civilização cristã, como se encontram expostos a inúmeras seduções ([12])

Por último a Encíclica incita ainda a que se incrementem certas «*generosas e oportunas iniciativas*» que, «*postas em execução com prudência*» podem levar um precioso e seguro auxílio ao jovem catolicismo africano. É o caso do «empréstimo» de sacerdotes por alguns anos aos Ordinários de África e do contributo de militantes leigos «*com longa experiência de acção católica e social ou de certas formas de apostolado especializado*», iniciativas que estão sendo levadas a cabo por vários países, ao que parece com óptimos frutos.

([11]) Rom. X, 14-15.

([12]) É sabido como, mesmo entre nós, o problema é flagrante. Rapazes do nosso Ultramar que vêm frequentar as Universidades à Metrópole são «matéria» de especial agrado para nela se exercerem perniciosas influências externas, sobretudo quando se trata de jovens de cor.

No «Comunicado oficial da Conferência do Episcopado de Angola e Moçambique», há poucos meses realizada em Lourenço Marques, os Prelados patenteiam a sua preocupação, afirmam terem em vista algumas medidas e pedem à Igreja da Metrópole o seu auxílio fraterno.

★

«E quem é o meu próximo?»

Se já antes da Carta Encíclica «Fidei Donum» «ninguém podia, em consciência, repetir esta pergunta feita há quase dois mil anos pelo escriba do Evangelho», quem ousaria na hora presente abrir os lábios para a formular?

Mais: quem ousará *responder* da mesma forma que o sacerdote ou o levita da parábola??

J. M. MAGALHÃES

A MISSÃO DE MILÃO

(2. Preparação psicológica e espiritual)

Em seguimento do número anterior, continuamos a resumir, com a devida vénia, da revista «Aggiornamenti Sociali», publicada pelo Centro de Estudos Sociais, dos padres jesuítas de Milão, os artigos de Armando Guidetti sobre o assunto em epígrafe.

Toda a técnica de organização, ainda a mais apurada, de um empreendimento como foi a Missão de Milão, não passa de pressuposto para o trabalho essencial e fundamental da graça, que mais fàcilmente poderá assim penetrar os espíritos e iluminar as almas.

Dessa verdade não se esqueceram nunca os organizadores da Missão, em quem foi constante a preocupação de vivificar o trabalho material de preparação, a que se fez já referência, com uma outra actividade, de cunho nìtidamente espiritual, à qual andou ligada a preparação de ordem psicológica.

Daremos aqui conta dos aspectos que revestiram essas duas formas de preparação, com uma breve notícia prévia àcerca das publicações editadas pela Secretaria Central da Missão.

I — *Publicações referentes à Missão:*

1. *De formação e orientação:*

a) A MISSÃO DE MILÃO, 1957 (5.000 ex.) deve ser lida por quantos queiram conhecer a essência, os fins, os limites e o espírito desta magnífica realização pastoral, pois contém as directivas dadas por Mons. Montini nos discursos que fez aos colaboradores leigos (26-4-957), aos pregadores (11-6-957), e aos sacerdotes da cidade.

b) DIRECTÓRIO DA PRÈGAÇÃO (2.000 ex.). Já definido como «testemunho incomparável duma nova prática pastoral», indica cada um dos sete aspectos do tema da Missão, sob a dupla forma de meditações e instruções. Riquíssimo de citações bíblicas, caracteriza-se pela novidade da adaptação dos temas à sensibilidade e cultura duma metrópole moderna e pelo equilíbrio entre a linha unitária e essencial proposta aos Missionários e as concessões feitas à maneira peculiar e mais eficaz de cada um a desenvolver.

c) O DIRECTÓRIO DA PRÈGÁÇÃO AOS RAPAZES (2.000 ex.) contém, com o mesmo critério, uma exposição pedagògicamente límpida e linear do Pai Nosso.

d) DIRECTÓRIO DA CONFISSÃO (2.000 ex.). Texto resumido, aplicando os princípios e espírito do directório indicado na alínea *b*).

e) Para o trabalho paroquial editaram-se o «*VADEMECUM*» *DAS COMISSÕES PAROQUIAIS* (3.000 ex.) e o fascículo intitulado *TERCEIRO TEMPO PREPARATÓRIO DA MISSÃO DE MILÃO* (3.000 ex.).

f) Um opúsculo, de que se tiraram 5.000 ex. sobre o *APOSTOLADO DOS LEIGOS NA MISSÃO DE MILÃO — 1957* e o *CURSO DE TEOLOGIA PARA LEIGOS* (500 ex.), com as lições respectivas.

g) Como *subsídios*, editaram-se:

— as lições extraordinárias (2.000 ex. de cada uma) do Card. Lercaro: *COMO FALAR DE DEUS AOS HOMENS DE HOJE;* de Mons. Carlos Journet: *A IGREJA DO PAI* e do oratoriano P.e Júlio Bevilacqua: *CRISTO CONTEMPORÂNEO* — e o que para nós, portugueses, não deixará de constituir surpresa e honra: *SERMÃO AOS PREGADORES* (2.000 ex.), obra-prima ainda viva e actual do grande P.e António Vieira!

h) Por último o *DIÁRIO DA MISSÃO,* caderno colorido para as actividades escolares dos rapazes, nos dias da Missão (75.000 ex.).

2. *De índole estrictamente espiritual:*

RITUAL DA FAMÍLIA (450.000 ex.); *APONTAMENTOS PARA UM COMENTÁRIO AOS RITOS LITÚRGICOS DA SEMANA SANTA* (1.000 ex.); *RITO DOS FUNERAIS NA DIOCESE DE MILÃO* (175.000 ex.) e *A SANTA MISSA* (30.000 ex.).

De citar, porque sintetizam os fins da Missão e o trabalho interior das almas, a *ORAÇÃO PELA MISSÃO* (90.000 ex.) e a *ORAÇÃO DOS DOENTES PELA MISSÃO* (120.000 ex.), compostas por Mons. Montini e a breve trecho popularizadas.

Ainda devem incluir-se *composições paralitúrgicas,* de cânticos, leituras e orações, que intervalavam a meditação e instrução prática (em número de 7, com tiragem global de 1 milhão), ou preparavam e seguiam os discursos de Mons. Montini na Missão aos sacerdotes (três, 3.000 ex.) ou de Mons. Pignedoli, bispo auxiliar da diocese, na Missão às religiosas (três, 6.000 ex.) e a investidura dos pregadores (2.000 ex.).

3. *De informação:*

Publicou-se um *BOLETIM* (16 números, de 2.000 ex. cada) órgão periódico de informação e ligação com as paróquias, os pregadores e os leigos actuantes. Na semana que precedeu a prègação, 4 fascículos (500.000 ex. cada) sob o título *A MISSÃO DE MILÃO* levaram o respectivo anúncio gratuito a cada agregado familiar.

4. *De «convite»:*

Àparte os elementos menores, em tão grande número que é impossível referenciá-los, assinalam-se: o *CONVITE AOS AFASTADOS* (300.000 ex.); a *CARTA AOS JOVENS* (20.000 ex.); a *MENSAGEM AOS DOENTES* e a *CARTA A TODOS* (300.000 ex.), escritos com ardor apostólico pelo arcebispo, dos quais a última foi incluída pelos párocos nas cartas que escreveram aos seus fregueses. Por fim a carta pastoral do *anúncio oficial da Missão* (5.000 ex.) ao clero e fiéis da cidade de Milão, aos seus magistrados e cidadãos.

5. *Propaganda publicitária:*

Um concurso nacional efectuado pela Secretaria, com a colaboração da União Católica dos Artistas Italianos, ganho pelo pintor Dudovich, permitiu escolher um cartaz de que se fizeram 355.000 ex. (e 7.000 reduções, para os carros eléctricos e autocarros).

10.000 avisos com o horário das pregações, 25.000 outros e 1.200.000 horários foram distribuídos na cidade, durante os meses da preparação e nas férias de Verão, nas estâncias de vilegiatura mais frequentadas pelos milaneses.

6. A secretaria editou ainda o discurso de Mons. Montini sobre «A missão da Igreja», (2.500 ex.) no II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos (Roma, Outubro de 1957), inegàvelmente ligado à Missão, a mensagem de S. S. Pio XII ao terminar do grande acontecimento, *O PAPA AOS MILANESES*, em duas edições, uma popular (400.000 ex.), outra, muito cuidada e elegante (500), e por fim o discurso de encerramento da Missão em 1 de Dezembro, *O ARCEBISPO À CIDADE* (1.000 ex.).

Ainda se deve referir um disco em microgravação (1.200 ex.) com sete breves alocuções de Mons. Montini, com cada uma das quais abria sempre a pregação nocturna das 21 horas.

II — *Preparação psicológica*

1. *Tema e fins eminentemente religiosos*

Isto foi afirmado em todos os tons, por Mons. Montini, nas suas declarações à Rádio Italiana e nos diversos discursos que proferiu. Aos sacerdotes, nomeadamente, disse: «Não nos mova outra intenção, além do amor de Deus e do bem dos nossos irmãos».

Ficou, assim, assente que se excluiriam totalmente as polémicas, alusões políticas ou afirmações sarcásticas, confinando-se a Missão ao «amigável e simples enunciar da verdade católica».

Esta orientação deu-se por sinceridade e lealdade, sem esquecer, porém, as indicações de ordem pastoral que mostravam ser o público milanês avesso à proclamação da palavra de Deus em tom declamatório ou combativo, carregado de intenções polémicas ou de considerações políticas ou económico-sociais.

Estas indicações foram confirmadas por um cuidadoso inquérito (depois transmitido em circular aos pregadores), cujos resultados, por elucidativos, aqui resumidamente se arquivam:

— *assuntos de pregação* preferidos (o boletim do inquérito previa oito): explicação do Evangelho, 45%; problemas familiares, 28%; problemas económico-sociais, 13%.

— *defeitos da pregação:*

45% das respostas acusavam os sacerdotes de falar demais de política e de intervir violentamente em assuntos delicados (estas queixas partiram mais dos homens que das mulheres; mais dos jovens e adultos que das pessoas muito idosas; dos que frequentam pouco a igreja, mais que dos assíduos);

47% *lançam em rosto aos padres o não serem bons oradores:* dizem sempre as mesmas coisas (13%) ou coisas muito difíceis (11%) ou de escasso interesse (4%). Sem distinções de sexo, idade ou profissão, todos concordam na proporção de 4 para 1, em preferir o tom «discursivo» ao «oratório».

— é curioso notar que 39% pediram, durante a Santa Missa, uma prática que dure de 10 a 15 minutos.

2. *Respeito pela liberdade e responsabilidade pessoais*

No citado discurso à Rádio, Mons. Montini disse que se esforçara «por convidar a todos, mas sem constranger ninguém a adesões exteriores, frias ou forçadas» e fez notar que o anúncio da Missão foi levado a cerca de cem repartições, escritórios, bancos, estabelecimentos, fábricas, etc., mas só onde foi expressamente solicitado, e ainda «que se renunciou a fazer chegar a pregação às grandes unidades industriais, estabelecimentos comerciais e serviços públicos,

para que não tivesse sequer a aparência de propaganda polémica ou de lição obrigatória». E, aos pregadores, ordenara que não fossem às fábricas, a não ser convidados.

Atendeu-se assim à sensibilidade moderna tão aguda neste ponto: ninguém ser de modo algum constrangido. E sendo isto particularmente vivo em Milão, *a Missão respeitou plenamente a auto-decisão de cada qual.*

Este respeito, a um tempo humano e cristão, provocou em dada altura, uma verdadeira «explosão» de convites de toda a parte: Mons. Montini, convidado por 26 entidades, anunciou a Missão a 34.420 pessoas; Mons. Pignedoli a 16.315, em 44 lugares; outros bispos a 18.265 em 73 locais; sem falar, por impossível, nas visitas — sempre a convite — feitas pelos Párocos e pelos simples missionários.

3. *Exclusão de toda a exterioridade clamorosa*

Fazendo-se intérprete das impressões e convicção que são hoje as de muitos sacerdotes com cura de almas, Mons. Montini dizia aos pregadores: «Outrora, admitia-se nas Missões um método enfático e sonoro [...] permitia-se um impressionismo um tanto dramático. [...] Não será esse o nosso método, antes de tudo porque *não cairia bem aos milaneses,* inteligentes de mais para se renderem perante um impressionismo um pouco ingénuo e talvez de mau gosto».

E porque se quis que a Missão se não caracterizasse pela exterioridade, para — pelo contrário — atingir o interior das almas, o que é bem mais difícil, as manifestações externas limitaram-se à *exposição da relíquia de S. Ambrósio,* na basílica que lhe é dedicada e das *relíquias de S. Carlos Borromeu,* na Catedral. Quanto ao mais, autorizou-se apenas um sóbrio e único sinal luminoso sobre a porta das igrejas paroquiais. Nem Vias-Sacras, nem procissões eucarísticas ou de penitência. Até o próprio dia do encerramento decorreu, como pedia a sensibilidade milanesa, na interioridade e na contensão.

4. *Encontro com o essencialismo e o existencialismo modernos*

A *temática da Missão* foi escutada àvidamente, não só por ter *como base a revelação de Jesus Cristo* ou por corresponder às necessidades espirituais dos mais afastados, mas também porque vinha ao encontro de toda «*a confusa mentalidade filosófica contemporânea,* espalhada até na população não culta».

— um dos aspectos do estado de espírito actual, especialmente entre a juventude, é o da procura *do essencial* na arte, na ciência, em tudo, numa palavra. Isto é um bem e nós podemos dialogar nestes termos porque — disse o Arcebispo de Milão — «*nós é que temos a essência das coisas verdadeiras, existentes e vivas*»: «não seremos, nem sacerdotes, nem apóstolos, nem confessores, nem testemunhas, se não estivermos de posse dessa radical e primária convicção do que a religião é».

— segunda manifestação da mentalidade moderna, o *existencialismo;* também o tema da missão continha elementos de valor para dialogar com esta psicologia, como bem o mostrou a lição feita pelo P.e Bevilacqua sobre «Cristo contemporâneo».

5. *Diálogo numa base de sinceridade e lealdade*

A desconfiança para com o clero (em alguns casos carregada de aversão e ódio) e o anticlericalismo existente e actuante em Milão requeriam *uma palavra sincera e leal, que reconhecesse também as responsabilidades e os erros do clero.* Esta palavra sincera, pública e digna, teve o Arcebispo de Milão a coragem de a dizer, aplanando todas as dificuldades de contacto entre os pregadores e o público.

Depois de ter definido os «*afastados*» («os que não vêm à Igreja; os que já não acreditam; os que têm a consciência acabrunhada por qualquer pecado ou

insensível pelo excesso dos cuidados do mundo; os que desprezam a Igreja ou blasfemam de Deus; os que se julgam fortes e seguros porque já não pensam na fé, no paraíso e no inferno»), prosseguiu:

«Porque está este irmão afastado? Porque não foi suficientemente amado. Não foi suficientemente objecto dos nossos cuidados, instruido, introduzido na alegria da fé. Porque julgou a fé pelas nossas pessoas, que a pregamos e representamos; e talvez os nossos defeitos o tenham levado a desgostar-se da religião, a desprezá-la e a odiá-la. (...) Pois bem, se é assim, ó irmãos afastados, perdoai-nos! Se vos não compreendemos, se com facilidade excessiva vos demos ralhos e recriminações, em vez de sermos bons mestres do espírito e médicos da alma, se não fomos capazes de vos falarmos devidamente de Deus, se vos tratamos com ironia, com polémicas, hoje vimos pedir-vos perdão».

E no começo deste impressionante *CONVITE AOS AFASTADOS* escrevera: «Se uma voz hoje podesse chegar até vós, filhos afastados, a primeira seria a de amigàvelmente vos pedirmos perdão. Sim, nós a vós; e, antes de vós, a Deus!»

Estas palavras, tão inauditas como simpàticamente leais, e inconfundìvelmente sinceras, abriram as portas e as almas ao Prelado de Milão, a quem deram o prestígio e autoridade que têm todos aqueles de quem se sabe nunca haverá a temer nada de injusto ou descaridoso. Mons. Montini pôde, assim, falar, e para isso foi insistentemente solicitado, nos meios mais diversos, sempre escutado e seguido com respeito e admiração: na Câmara Municipal, no Rotary Club, na Rádio e Televisão, aos artistas do teatro «Scala», no Palácio da Justiça, aos generais, coronéis e outros oficiais do exército, etc.

E não esqueceu também estes aspectos nas três sessões da Missão ao clero da cidade, em que pôs a descoberto faltas e desacertos, dando assim o exemplo de como se pode prudente e pùblicamente denunciar os aspectos menos louváveis das responsabilidades eclesiásticas, ressalvando pois sempre e engrandecendo a liberdade de espírito, o prestígio da autoridade e a obediência dos fiéis.

III — *Preparação espiritual*

1. *As paróquias em estado de oração.*

Toda a organização psicológica, tudo teria sido inútil sem a preparação espiritual, sem a oração, pessoal ou comunitária, recíproca, dos bons pelos afastados.

A maior preocupação foi a de pôr todas as paróquias milanesas em contacto com as *centrais de energia espiritual:* 42 conventos de clausura de 21 ordens contemplativas, em toda a Itália, foram solicitados a rezar pela Missão, tendo sido a cada um deles atribuída uma ou mais freguesias da cidade. Desde modo, cerca de 1.300 religiosas se uniram, ao impetrar, com a oração e a penitência, abundância de graças para o trabalho da Missão.

Cada *Comissão Paroquial,* além de manter correspondência com o convento encarregado de rezar pela freguesia, providenciava no sentido de que a *Oração* da Missão fosse quotidianamente recitada pelos associados de todas as obras católicas e pùblicamente por todos os fiéis, juntamente com o sacerdote, após a missa dominical e a Benção do SS.^{mo}, organizava a *Campanha de participação activa nas missas festivas,* promovia *orações especiais* pela Missão (adoração diária até Novembro de 1957 por bairros e quarteirões, turnos de assistência à Missa por cada uma das associações paroquiais, turnos do Rosário, etc.).

2. *Determinações e recomendações*

O Arcebispo, Mons. Montini, procurou incentivar a preparação espiritual, fazendo recomendações insistentes e determinando mesmo o que se lhe afigurou melhor para o conseguir, esforço a que a diocese correspondeu com grande fé e entusiasmo.

O bom êxito da Missão foi a intenção recomendada às pessoas piedosas, às casas de oração e penitência, às crianças, aos pobres e doentes, concordando estes a oferecer a Deus os seus sofrimentos.

Foi imperada em toda a Arquidiocese («pro re gravi» adentro dos limites da cidade) a colecta «ad impetrandam gratiam Sancti Spiritus». Acrescentou-se à recitação do Rosário uma oração pelo êxito da Missão. Aos fiéis que quisessem e pudessem observá-lo, foi proposto um dia facultativo de jejum pela mesma intenção, indicando-se para isso o dia 31 de Outubro, vigília de todos os Santos e da Comemoração dos Fiéis Defuntos.

Finalmente, estiveram solenemente expostas de 4 a 24 de Novembro as relíquias de S. Ambrósio e de S. Carlos.

3. *Oferta de orações das outras dioceses*

Todos os prelados de Itália (não só os Cardeais de Génova e Bolonha com os 21 Bispos que participaram efectivamente da Missão) contribuiram com as orações, suas e das dioceses, para o sucesso espiritual desta iniciativa. A eles se juntaram Bispos e Arcebispos estrangeiros, ordens e congregações religiosas, etc.

4. *Votos e Orações do Santo Padre.*

Quando estava em Roma para falar ao II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, Mons. Montini foi recebido em audiência privada por S. S. Pio XII, que o acolheu muito cordialmente e conversou com ele, interessando-se pela vida religiosa da grande arquidiocese ambrosiana, especialmente pela Missão e renovando os melhores votos pelo seu êxito.

Sua Santidade coroou com a sua mensagem, noutro lugar referida, todo o interesse que dedicou à preparação e desenvolvimento da Missão, a qual, como se diz numa carta de 11 de Janeiro último, do substituto da Secretaria de Estado, seguiu sempre com atenção e cuidado, e com desejos, votos e sobretudo orações pelo seu feliz sucesso.

RÁDIO ECCLESIA

ANTENA DA IGREJA EM ÁFRICA

Atendendo às prementes necessidades da Igreja em África, os prelados angolanos, no decorrer do Ano Mariano, solicitaram do Governo autorização para fundar uma emissora que fosse a voz da Igreja em terras africanas. A resposta foi esta: «*O empreendimento merece todo o carinho por parte do Governo e, por isso, deverão ser-lhe dadas todas as possíveis facilidades*». Em 8 de Dezembro, no encerramento das Comemorações Marianas, a emissora começou a funcionar em Luanda com o nome de *Rádio-Ecclesia*, e está destinada — diz D. Manuel António Pires, bispo auxiliar de Silva Porto, — a prestar os mais relevantes serviços à Sacrossanta causa da Igreja e das Missões nesta província (Angola) que desperta para a vida e para o progresso. Na palavra de Monsenhor Fernidando Cento, Rádio-Ecclesia há-de ser antena permanente da Igreja Católica nas promissoras terras de Angola.

Ninguém ignora o grande meio informativo e cultural que é em nossos tempos a rádio. Todos os dias a todas as horas ela vem a nossas casas pôr-nos ao corrente da vida mundial. Que cultura ela não espalha por esse mundo fora!... Usada para o bem, quanto não pode fazer e quanto mal resulta do seu mau aproveitamento!

Sobre os ingentes problemas das Missões em África, publicou o Santo Padre, há um ano, a memorável encíclica «Fidei donum», em que frisa bem a necessidade de usar na propagação do Evangelho as modernas técnicas de difusão, pois se a respeito de qualquer coisa é grande a importância da opinião pública bem esclarecida, muito mais em matéria religiosa esse factor é importante; por isso o Papa insiste em que se trabalhe neste sentido. Na encíclica sobre Cinema, Rádio e Televisão, três grandes meios de propaganda, manifesta Sua Santidade claramente o seu apreço pelas emissoras católicas: «*Queremos dirigir especiais palavras de encorajamento e apoio às emissoras católicas de radiodifusão. Embora conhecendo as numerosas dificuldades que têm de enfrentar, confiamos que hão-de prosseguir corajosamente na sua apostólica acção, que Nós tanto apreciamos. Nós mesmo temos procurado ampliar e aperfeiçoar a nossa benemérita Rádio Vaticano, cuja actividade corresponde ao íntimo anseio e à necessidade vital de todo o universo Católico*».

Na dita encíclica «Fidei donum» pergunta o Santo Padre: «*Compreendem os filhos da Igreja a obrigação de ajudar os missionários do Evangelho a anunciar a verdade salvadora a cerca de 85 milhões de africanos de raça negra, ainda presos às crenças pagãs?*».

Estes filhos da Igreja somos nós, que ostentamos o nome de Cristãos; mais: *nós*, que cônscios da obra redentora em nós realizada, vivemos unidos a Cristo, como ramos unidos ao tronco, formando uma única árvore, *somos a Igreja*. Temos no mundo uma importante missão a desempenhar: trazer para Deus os homens que d'Ele andam afastados; por sermos baptizados temos de ser apóstolos. Ne-

nhum cristão pode desinteressar-se do destino eterno do seu próximo, e o seu próximo são todos os homens; por todos morreu Cristo; a todos deu a conhecer a Boa Nova da Redenção; é imperioso dever que pesa sobre todos os discípulos de Jesus. É necessário, pois, ajudar as obras missionárias, com orações sobretudo, mas com dádivas materiais também. Porque, se o Reino de Deus é antes de tudo espiritual, é composto por homens que são espírito e matéria.

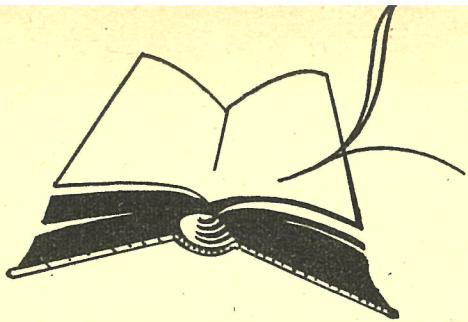
Neste momento Rádio Ecclesia está instalada em casa alugada que não reune as necessárias condições e apenas possui dois emissores de fraca potência — um de 50 e outro de 200 watts —. Ora para poder cumprir a importantíssima missão que lhe está confiada tem de ser escutada, ser preferida às outras emissoras, e só o conseguirá na medida em que as superar. Necessita, por conseguinte, de edifícios que, tendo as devidas condições, sejam seus; de emissores mais potentes, material de estúdios, etc., etc., o que requer somas avultadas. Depende de nós, católicos, que Rádio Ecclesia consiga o muito de que precisa para ser o que pretende: «Antena permanente da Igreja Católica, em África, a difundir em todas as direcções a Mensagem divina do Evangelho».

«Dai e dar-se-vos-á», diz o Senhor; Ele que não se deixa vencer em generosidade, nos pagará cem por um, cumulando-nos de bênçãos e dando mais prosperidade ao nosso trabalho nesta vida, e, na outra, fazendo-nos partilhar das alegrias eternas.

H. MARQUES

NOTA — Quem tenha possibilidade e desejo de ajudar a RÁDIO ECCLESIA e assim, correspondendo ao apelo do Santo Padre, cooperar na evangelização da África, pede-se envie o seu óbulo a

PROCURADORIA DAS MISSÕES DO ESPÍRITO SANTO
Rua de Santo Amaro, à Estrela, 49 — LISBOA



livros novos

O DRAMA DO ATEÍSMO — Fulton Sheen

Edições Itinerário — Porto II

«O Drama do Ateísmo» é o título com que A. J. Mariano, S. J. traduziu o livro de Mons. Fulton Sheen — «Religion without God» — e que Edições Itinerário deram a lume.

A figura de apóstolo de Fulton Sheen há muito que se impôs não só no seu país, como no estrangeiro através de seus escritos.

A obra que surge agora, estuda um dos problemas mais candentes e nela sobressai o saber teológico e filosófico do autor, na análise do pensamento dos pensadores modernos acerca da atitude do homem perante Deus.

O presente volume é continuação de outro — «God and Intelligence» — e ambos pretendem levar a cabo uma filosofia completa da religião, sob os seus aspectos formal e material, como é intenção do autor.

O método que utiliza é triplo: expositivo, histórico e crítico da posição moderna positiva e negativa. Quanto ao aspecto histórico o autor inspirou-se na obra de Maritain — «Les Trois Reformateurs» —, se bem que a análise se faça mais a partir dos princípios filosóficos que dos próprios indivíduos.

O trabalho é um estudo calmo e racional sobre as suposições que baseiam a ideia contemporânea da religião.

O problema abordado é hoje, mais do que nunca, importante. É que nunca em tempo algum se «falou» tanto de religião, e do mesmo modo se «praticou» tão pouco. A religião permanece num plano doutrinal e não vital.

A vida é o número um, a que se ajusta a religião — o número dois.

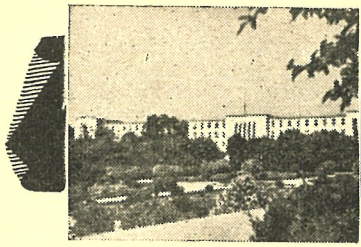
É necessário da parte dos homens o movimento no sentido de se colocar na verdadeira atitude perante Deus. Sob a capa de religião há muita irreligião. «A religião se não prende a alma do homem a uma realidade que ultrapasse e a dos sentidos, não é religião. Se para o paganismo a que se opôs o Evangelho era de difícil aceitação a ideia da transcendência divina e ao mesmo tempo a sua acessibilidade em Cristo, hoje o organismo sobrenatural que nos «dá» Deus, é uma realidade que é esquecida por ser estranha aos sentidos.

«Se não conhecemos a Deus não conhecemos a nada, porque nada conhecemos no seu fundamento, na sua causa, na sua razão de ser».

Será muito útil a leitura desta obra para auscultar o pensar religioso moderno, e ainda para ajustar o nosso modo de ver a «Grande Realidade» que é Deus.

A edição tem boa apresentação gráfica e lê-se com agrado.

V. F.



CRÓNICA

A vida corre, seguindo invariàvelmente a sucessão ininterrupta dos dias e das horas e a crónica, que embora sujeita ao tempo, não evoluciona com ele, atrasou-se.

Ainda em Março foi solenemente festejado o dia de S. Tomás de Aquino. Tendo sido celebrada Missa Solene de manhã a que asisstiu toda a comunidade, realizou-se pela tarde uma sessão solene a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal-Patriarca. Cantado pelo coro polifónico o hino do Seminário, Sua Ex.ª o Sr. Cónego Gregório Neves subiu ao estrado para apresentar o conferente, o Doutor João Ferreira O. F. M. e abrir a sessão. Louvou a escolha do tema «Vivência angustiosa do homem moderno perante a verdade», numa sessão em que S. Tomás pontifica.

O Dr. João Ferreira iniciou em seguida a sua conferência. Depois de breve introdução, deu-nos em resumo uma vista de conjunto do trabalho que cingira aos seguintes pontos:

— O homem é um ser aberto para a verdade.

— Tríplice dimensão etimológica de verdade.

— Alegoria da Caverna de Platão.

— Ascensão do homem para a luz.

— Perspectiva telúrica — pensamento de Nietzsche.

— Perspectiva teocêntrica—pensamento de Kierkgaard, e finalmente a visão católica que vem resolver o dicídio do «homem contra o homem».

No primeiro ponto focou que em todo o homem existe uma sede ardente de luz e de verdade. A natureza tem escrito na sua própria carne tudo o que é necessário para a sua realização e por isso também o desejo de verdade. A vida do homem passa-se toda num entrechoque de duas vozes dissonantes, uma interior, a voz da consciência e outra exterior, a voz desencontrada do medo, da náusea, do risco e da ignorância.

Falou-nos em seguida da tríplice dimensão etimológica de verdade. Segundo o grego «alêtheia» — o que não está coberto. Segundo o latim «veritas» — a clareza no dizer, e segundo o hebraico «emina» — segurança e fidelidade. Segundo esta tríplice etimologia, disse-nos que a verdade é essencialmente ser, fidelidade e segurança. Deu-nos em seguida várias definições de verdade.

Evocada a alegoria da caverna de Platão, dela concluiu que a nossa alma é uma orientação para verdades ultra-terrenas. «O homem é um binómio de sombra e luz», numa luta de superação da luz em relação à sombra. E essa luta pela verdade, continuará durante toda a nossa existência. «A resposta definitiva à pergunta «o que é a verdade», tiraria todo o sentido à vida humana». O homem transformado em chama, seria reduzido a cinza e a inteligência estiolar-se-ia no ócio, porque «o homem não pode viver sem mistério». É esta procura de verdade que dá encanto à vida; pena é que nem todos aguentem este estado de alerta.

O horizonte da verdade é para nós um tanto sombrio, porque ela é um absoluto. Está portanto em jogo o problema do absoluto e do relativo. Duas bandeiras se erguem flutuando no horizonte da vida humana: — a da verdade tererna e a do absoluto. Duas perspectivas: — a telúrica e a teocêntrica.

O Dr. João Ferreira introduziu-nos na primeira perspectiva citando dois pioneiros da fidelidade ao que é terreno e contingente. Protágoras — «o homem é a medida de todas a s coisas», e A. Gide — «Je reste enfant de cette terre». Mas este naturalismo vai culminar, devido à sua grande influência, no pensamento de Nietzsche que nos surge como «o argonauta da fidelidade à terra», o pregoeiro do super-momem que transformará em apoteose a vida humana. É um messias que vem anunciar o amor do

homem contra Deus e contra os outros homens. Proclama o amor do homem, mas rejeita o amor do próximo. «Amo aqueles que pertencem à terra para que a terra pertença um dia ao super-homem».

Ao falar-nos da perspectiva teocêntrica o conferente fez passar diante de nós a Sören Kierkgaard na sua mais trágica angústia existencialista. Kierkgaard, filósofo cristão veio gritar ao Mundo que «a angústia do homem é devida à perda de Deus no coração do homem». O desespero é para ela «a inconsciência do homem perante o destino». O filósofo ao falar-nos do desespero, diz-nos que ele é uma doença mortal de que o homem não pode morrer.

Kierkgaard deu o primeiro impulso à filosofia da angústia, que encontrou nos após-guerras de 1914-18 e 1939-45 ocasiões únicas de repercussão que continuam estendendo-se ao longe quando há muito se desfez o impulso inicial nos pontos em que nasceu. Não é de admirar, nessas alturas trágicas para a humanidade, essa visão da existência em todo o seu abandono. Era o abandono em que o próprio homem se encontrava. Em contacto com todas as misérias das trincheiras, dos bombardeamentos e da vida dos deslocados, é natural que nele se tivesse esvaído o mundo como ser para o homem e que este elemento tivesse desaparecido da sua vivência existencial da existência. Tantas vidas lançadas para a desgraça por um nada, sem uma lágrima de compaixão da natureza, que atira para a morte, sem um estremecimento sequer, hecatombes de existências humanas. O existencialismo, na esteira de Kierkgaard, surge-nos então como um grito de libertação mas um grito angustiado. É então que surge a concepção existencialista do homem perdido na existência, numa luta titânica de náufrago que só consigo pode contar como última relíquia do ser.

O Dr. João Ferreira terminou a palestra dizendo-nos que na resolução deste problema o Cristianismo faz um apelo ao homem integral em oposição a Kierkgaard que apela apenas para a realidade interior do homem.

Fazendo parte ainda das comemorações em honra de S. Tomás, tivemos no dia 12 a conferência do Sr. Manuel Lourenço sobre um tema de flagrante actualidade: o romance católico numa perspectiva da literatura actual. A conferência do Sr. Manuel Lourenço, bem estruturada e concisa, ocasionou interessante discussão que se prolongou por bastante tempo.

No dia 16, domingo laetare, a peça «Assim na terra como no céu», com subsequente discussão na sexta-feira seguinte, foi levada à cena pela Academia de Santo António. A peça, cujo fundo histórico fora cuidadosamente estudado pelo Sr. Dr. Fernando Maurício, despertou interesse e levantou importantes problemas relativos à actividade missionária e a todo o apostolado em geral.

O fim da época chegou prestes com o habitual cansaço de repetição e exames. Mas a Semana Santa, também fatigante embora de outro modo, veio distrair-nos dos compêndios.

Na terça-feira Santa, colaborando com o progresso, a nossa «Scola Cantorum» figurou nos écrans da Radiotelevisão Portuguesa, num concerto de canto gregoriano relativo à Semana Santa.

Esta semana, cujo ambiente havia sido preparado por uma exposição sobre a cruz, foi como de costume passada na Sé e nas freguesias circunvizinhas.

E, finalmente, como remate de uma grande tarefa, ecoou-nos aos ouvidos o solene «exultet» da Noite Pascal, que se repercutirá por todo o ano na Santa alegria de ressuscitados.

J. POLICARPO



"Cenáculo"

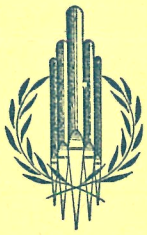
VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 – PORTO

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

Casa fundada em 1832

ESTABELECIMENTO: 166 — Rua do Ouro — 170 OFICINA: 17 — Rua S. Tiago — 19

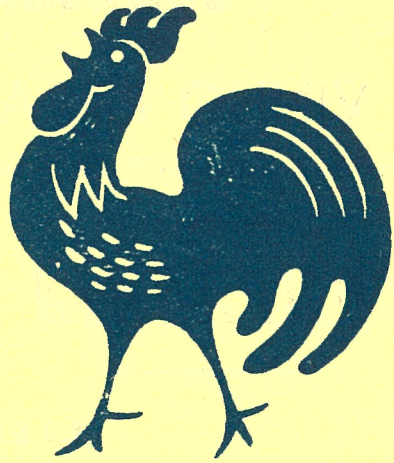
Tudo para iluminação

ELECTRICIDADE – ÁGUA – GÁS – AQUECIMENTO

NA CATEQUESE ▪ NA ESCOLA ▪ EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

FILMES E
DISPOSITIVOS



Culturais recreativos
e religiosos

R. S. Nicolau
22
LISBOA

R. S. Catarina
315
PORTO

Consulte... **Sempre...**

Pathé-Baby Portugal, L.DA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços.
Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

CAFÉS, CHÁS, FARINHAS, CEVADAS, CHOCOLATE, CACAU, PUDINS, FLOCOS DE AVEIA
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A MARIAZINHA
CASA ESPECIALIZADA DE CAFÉS, CHÁS E FARINHAS
LISBOA — *Rua Barros Queiroz - 28*
PORTO — *Rua de Santo Ildefonso - 415*

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 – LISBOA

UNIÃO GRÁFICA

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48-LISBOA

LIVRARIA — As últimas novidades literárias.

TIPOGRAFIA — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

EDITORIAL—Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de NUNO DE MONTEMOR.

OBJECTOS RELIGIOSOS — O maior sortido aos mais baixos preços.

PARAMENTARIA — Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

PROPRIETÁRIA do diário «NOVIDADES», da revista de actualidades «FLAMA», do semanário «A GUARDA» e da publicação bi-mestral «SELECÇÃO DOCUMENTAL»

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA E PROPAGANDA

CASA DE S. JOSÉ – PORTO

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

TELEFONE: 22886

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços

Descontos especiais para as Missões Católicas

